

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Março 2020

GUIA DE LEITURA

Os Loucos da rua Mazur – João Pinto Coelho



JOÃO PINTO COELHO

Biografia: João Pinto Coelho nasceu em Londres em 1967. Licenciou-se em Arquitetura em 1992 e viveu a maior parte da sua vida em Lisboa. Passou diversas temporadas nos Estados Unidos, onde chegou a trabalhar num teatro profissional perto de Nova Iorque e dos cenários que evoca neste romance. Em 2009 e 2011 integrou duas ações do Conselho da Europa que tiveram lugar em Auschwitz (Oswięcim), na Polónia, trabalhando de perto com diversos investigadores sobre o Holocausto. No mesmo período, concebeu e implementou o projeto Auschwitz in 1st Person/A Letter to Meir Berkovich, que juntou jovens portugueses e polacos e que o levou uma vez mais à Polónia, às ruas de Oswięcim

e aos campos de concentração e extermínio. A esse propósito tem realizado diversas intervenções públicas, uma das quais, como orador, na conferência internacional Portugal e o Holocausto, que teve lugar na Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2012 publica Perguntem a Sarah Gross, o seu primeiro romance. O seu romance seguinte Os Loucos da Rua Mazur foi o vencedor do prémio LeYa 2017.



Sinopse de *Os Loucos da Rua Mazur*:

Quando as cinzas assentaram, ficaram apenas um judeu, um cristão e um livro por escrever. Paris, 2001. Yankel - um livreiro cego que pede às amantes que lhe leiam na cama - recebe a visita de Eryk, seu amigo de infância. Não se veem desde um terrível incidente, durante a ocupação alemã, na pequena cidade onde cresceram - e em cuja floresta correram desenfiados para ver quem primeiro chegava ao coração de Shionka. Eryk - hoje um escritor famoso - está doente e não quer morrer sem escrever o livro que o há de redimir. Para isso, porém, precisa da memória do amigo judeu, que sempre viu muito para além da sua cegueira. Ao longo de meses, a luz ficará acesa na Livraria Thibault. Enquanto Yankel e Eryk mergulham no passado sob o olhar metódico de Vivienne - a editora que não diz tudo o que sabe -, virá ao de cima a história de uma cidade que esteve sempre no fio da navalha; uma cidade de

cristãos e judeus, de sãos e de loucos, ocupada por soviéticos e alemães, onde um dia a barbárie correu à solta pelas ruas e nada voltou a ser como era.

Na senda do extraordinário Perguntem a Sarah Gross, aplaudido pelo público e pela crítica, o novo romance de João Pinto Coelho regressa à Polónia da Segunda Guerra Mundial para nos dar a conhecer uma galeria de personagens inesquecíveis, mostrando-nos também como a escrita de um romance pode tornar-se um ajuste de contas com o passado.

Viagem ao mundo de João Pinto Coelho: os loucos somos nós

(Entrevista publicada na VISÃO 1289, de 16 de novembro de 2017)

MIGUEL CARVALHO, LUCÍLIA MONTEIRO, & ÁLVARO ROSENDO INFOGRAFIA



João Pinto Coelho recebeu a VISÃO em Murça, onde vive

Os Loucos da Rua Mazur, romance vencedor do Prémio Leya, foi o pretexto para a entrevista com o autor em Trás-os-Montes, O escritor regressa à Polónia da Segunda Guerra Mundial com um romance, ‘Os Loucos da Rua Mazur,’ que sangra feridas históricas e nos desafia a olhar o Mal onde nunca o vemos: dentro de nós. O que ele andou para aqui chegar?

Quantos pedaços de uma história cabem em 100 quilómetros? De Murça, onde vive, até ao agrupamento de escolas de Valpaços, onde leciona Artes Visuais, João Pinto Coelho (Londres, 1967) faz do vaivém quotidiano o caminho mais curto para as cenas, personagens e imaginários dos seus livros. Perguntem a Sarah Gross, romance de estreia (2015), muito ficou a dever a esse percurso transmontano quase diário. “Parte dos meus livros é escrita no carro”, revela o autor, após calcorrear os vinhedos do seu refúgio aldeão nas cercanias de Sobredo. “Estou a conduzir, surge uma ideia e gravo. Tenho o telemóvel cheio de frases, diálogos, coisas desgarradas que depois vejo se funcionam no papel. Em Lisboa, gastava essas horas a estacionar ou noutras coisas estúpidas...”

Em 2000, o arquiteto e professor deu consigo exaurido, espremido entre rotinas desenfreadas, almoços em pé e prazos sufocantes. Concorreu então a uma escola no interior do País. “Pouco importava para onde ia, queria apenas sair de Lisboa.” Foi parar a Valpaços. Ao trocar a capital pela província, João Pinto Coelho não mudou apenas de geografia. Ganhou tempo de qualidade e em doses generosas, mesmo que a tal centena de quilómetros nem sempre lhe devolva a centelha de um parágrafo.

Do leitor obsessivo e amadurecido brotou finalmente o escritor. Logo ao primeiro livro, a crítica e o público (Sarah Gross vai na quarta edição) renderam-se a uma história arrebatadora, de chispa cinematográfica, fruto de talento e décadas de estudo sobre o Holocausto. Era para ser uma BD, mas ele foi buscar palavras onde nunca procurara: às entranhas de Oświęcim, a cidade polaca que já foi um lugar feliz, reescrita a cinzas pelos nazis na memória da Humanidade. Sim, Auschwitz.

A 20 de outubro último, o tempo voltou a fugir-lhe, mas por boas razões. Nesse dia, o júri do Prémio Leya, presidido por Manuel Alegre, distinguiu *Os Loucos da Rua Mazur* (Dom Quixote), desassossegando o remanso de João Pinto Coelho, agora num corrupio de viagens entre Murça e Lisboa relacionadas com a promoção do livro (que chega às livrarias no próximo dia 21). “Viver da escrita” passa-lhe, cada vez mais, pela cabeça e este pode ser o empurrão que faltava. Elogiado pela qualidade literária, efabulação e verosimilhança, o novo romance, burilado a partir das feridas abertas pela violência numa pequena comunidade da Polónia em plena Segunda Guerra Mundial, arrecadou o maior galardão literário do País. O enredo convoca os fantasmas da relação entre cristãos e judeus, a insanidade do ser humano comum e até a ausência de Deus. “Enquanto escrevia lembrei-me do padre Tolentino de Mendonça para apresentar o livro [dia 29, em Lisboa]”, explica. “Fi-lo também enquanto crente e católico, por causa das minhas dúvidas e inquietações sobre um Deus que não intervém para travar a barbárie. Mergulhar no tema através da voz ou da pele de uma personagem é a parte mais interessante da escrita, mas, ao fazê-lo, encontramos sempre questões que são nossas”.

O Mal, lugar íntimo

Jedwabne, Nordeste da Polónia, 10 de julho de 1941. Semanas depois da chegada dos nazis, um grupo de cidadãos, na maioria cristãos, arrastou à bruta os vizinhos judeus para um celeiro, sobretudo mulheres e crianças, queimando-os vivos. O número de vítimas, entre 600 a 1600 consoante as fontes, é questão ainda controversa na atualidade polaca: a Igreja Católica nega a narrativa oficial sobre os acontecimentos e recusa culpas do seu rebanho no desvario incendiário enquanto a maioria da população de ^[1]Jedwabne nem quer ouvir falar do assunto. Na sequência do genocídio, das pilhagens e da destruição de referências históricas, a secular presença judaica foi varrida da memória física da cidade e trancada a olhares curiosos até hoje.

Este e outros episódios semelhantes ocorridos em mais de uma vintena de cidades polacas no mesmo período constituem o contexto histórico do romance, no qual João Pinto Coelho recusa, uma vez mais, a tentação de adjetivar o sofrimento, um exercício obsceno quando falamos desses tempos. “São as únicas coisas a que pretendo manter-me absolutamente fiel, são o meu chão para a criação literária. Não queria contar nada que fosse fantasia. A cena da violação e outras aconteceram. O resto, sim, já é do domínio da ficção e da criatividade”, reforça. As páginas de *Os Loucos da Rua Mazur* começaram a escrever-se nas entrelinhas de Sarah Gross. “Quando acabei, ainda tinha coisas por dizer. E uma delas era sobre o Mal, a personagem principal dos meus romances, sobretudo deste.”

Estamos, agora, imersos nas atrocidades cometidas pelo “zé-ninguém”, pelos seres humanos assustadoramente normais, na senda de Hannah Arendt. Porém, não se trata aqui de romancear a partir da “banalidade do Mal” teorizada pela filósofa alemã de origem judaica, mas sim a pretexto “da universalidade do Mal”, no dizer de João Pinto Coelho: “Quando terminei o Sarah Gross, os maus eram os alemães. Neste caso, falo da perseguição aos judeus

praticada pelos seus vizinhos cristãos numa cidade que nunca identifico, mas onde cabe Jedwabne. Se falarmos apenas das vítimas estaremos a referir-nos às pessoas que não tiveram opção. Por isso, convém também falar dos perpetradores, sobretudo enquanto pessoas iguais a nós, para aprendermos a não ter tantas certezas sobre o nosso caráter em situações extremas”, desafia.

Tragédia a caminho?

Mais do que respostas, o Holocausto devolve-lhe, cada vez mais, perguntas. “Dependendo das circunstâncias, todos temos um bocadinho de Himmler ou de Eichmann dentro de nós. O que estará adormecido para que a rolha salte, de forma descontrolada?”, interroga-se o autor, aqui e agora, mas também nas entrelinhas das mais de 300 páginas do romance. Por isso, ele não se cansa de semear o primado da dúvida entre mentes jovens quando vai às escolas falar do tema. “Aprendemos pouco com a História”, assinala. “Continuamos arrogantes, certos da nossa bondade e incapacidade de fazer coisas terríveis. Mas, naquela época, aqueles cristãos também terão pensado assim...”

Nem de propósito, em Varsóvia e noutras cidades polacas, ressurgem vagas inquietantes de discursos xenófobos, extremistas, em nome da “Polónia pura” e “branca”, impulsionadas por movimentos de extrema-direita e com o aplauso patriótico do Governo. “Os sinais estão aí, de novo, mas a indiferença é mais forte do que a História”, adverte João Pinto Coelho. “Os objetos, os monumentos, o que resta da memória judaica está a ser atacado e vandalizado. Receio que isto acabe outra vez em tragédia. Se fosse judeu, neste momento não me sentia confortável na Polónia. A crise dos refugiados remete para o período pré-Holocausto, quando quase todos os países fecharam as portas aos judeus. Nós, quando estamos assustados, reagimos da pior maneira”, refere o escritor.

É neste pano de fundo, resgatado à História, que se desenrola o novo romance. Mais uma vez, João Pinto Coelho tira o tapete ao leitor que, a páginas tantas, já vai convencido de que pegou a narrativa pelos cornos. Tal como fizera em Sarah Gross, o escritor surpreende-o e leva-o com mestria a épocas e geografias distintas, tricotadas num baloiço constante entre os primórdios e o início da Segunda Guerra Mundial (no Nordeste da Polónia e da Rússia) sem esquecer a atualidade (em Paris). É na capital francesa que vive, aliás, uma das personagens candidata a tornar-se inesquecível: Yankel, o livreiro judeu e cego que recorre às amantes para lhe lerem na cama, desde logo um exercício de imaginação poderoso e arriscado por tratar-se de alguém que não vê nem viu antes. “Senti necessidade de falar do sofrimento extremo através da perspetiva de um cego. Quase como se não quisesse dizer o que via. Como é que se conta isso sem recorrer às imagens?”, questionou-se, a dada altura, o autor, obrigando-se a fechar os olhos e a tatear todas as referências sobre os vários tipos de cegueira. “Quando comecei, pensei que um cego só via negro”, assume. Yankel, de resto, podia ter sido qualquer coisa na obra, tão avassaladora é a sua presença, mas tornou-se livreiro por razões mais singelas: “É a homenagem a um homem extraordinário, o Joaquim Gonçalves, de Sines. Admiro-o imenso, é um herói pela forma como luta pela sua livraria [A das Artes] e pelos seus livros”. A Yankel juntam-se outras personagens que compõem o trio central, amoroso e conflituoso, da ação de Os Loucos da Rua Mazur, à deriva entre a culpa e o perdão: Shionka, a habitante da floresta que não fala, e Eryk, o cristão polaco em busca da sua própria redenção através das palavras e memórias do velho amigo judeu. “Cada frase demorou muito tempo a escrever. É um livro mais arriscado e onde me exponho mais”, assume João Pinto Coelho.

Percurso e inspiração

O despertar do escritor para a temática do Holocausto remonta à série com o mesmo nome exibida em Portugal nos primeiros anos de democracia, tal como à produção britânica *Colditz*, cuja trama é centrada num castelo transformado pelos nazis em prisão de alta segurança. Seguiram-se décadas de leituras e investigações, até integrar, em anos recentes, duas ações do Conselho da Europa que lhe permitiram “viver” nos campos de Auschwitz e Birkenau. Aí entrevistou sobreviventes, estudou contextos e vivências das comunidades judaica e cristã anteriores à guerra, assistiu a debates inflamados e descobriu Oświęcim, onde 17 alunos de Valpaços e outros tantos polacos desenvolveram um diário comum, a partir de rigorosas referências históricas da cidade. “O Perguntem a Sarah Gross nasceu aí.”

A partir da ideia seminal, João Pinto Coelho sabe sempre como os seus romances vão acabar, “até com algum pormenor”. A aventura maior é o começo e o caminho. “Tenho de me divertir a escrever. Envolve-me muito, desapareço para o mundo, fico tão curioso como o leitor.” O professor da página inicial pode já ser uma professora na seguinte. E pode até dar-se o caso de uma gravidez ou um morto ficarem esquecidos no novelo, mas os alçapões involuntários e as reviravoltas fazem parte desse deleite. As descobertas e cenários reavivam no escritor deslumbramentos quase infantis. “Parte da ação do primeiro livro passa-se nos Estados Unidos da América porque me apeteceu viajar até lá, onde não vou há muitos anos. Por vezes, tinha pressa de sair da escola e chegar a casa só para viajar até ao Kimberly College ou até ao meu apartamento em Cracóvia”, explica, sorrindo, o homem que já trabalhou num teatro perto de Nova Iorque. “Levava as lâmpadas, pregava os cenários, coisas menores. Era um ambiente tipo Fame, com atores da Broadway. Foi fantástico, marcante”. Todas as experiências contam.

O “comprimido” García Márquez

Se as florestas polacas atravessam o novo romance é porque primeiro se atravessaram no percurso de João. “São cenários muito interiorizados. As árvores de Birkenau, por exemplo, marcaram-me imenso. Apesar do que lá aconteceu, é um sítio lindíssimo.” É fácil descobrir-lhe influências anglo-saxónicas na escrita, mais difícil é destapar os nomes. E quando isso acontece, descobre-se, afinal, que a inspiração se faz à sombra de paisagens mais improváveis.

“O García Márquez é um escritor fundamental para mim, mas ninguém o vai encontrar na minha escrita. É a quem mais recorro quando escrevo, costumo dizer que é o meu comprimido”, desvenda, divertido com a sua própria revelação. “Houve dias em que a última coisa que me apetecia era escrever. Sentava-me no sofá, abria o Cem Anos de Solidão ao calhas e dez minutos depois estava revigorado e a escrever como se não houvesse amanhã. Deve ser o livro a que voltei mais vezes, mas nunca o li de uma ponta à outra, foi sempre por excertos.”

Casado, três filhos, João Pinto Coelho escreve preferencialmente no braço de um sofá ou na mesa da cozinha, das três às sete da manhã. Se for no inverno, com a lenha a crepitar e uma chávena de café por perto, melhor. Quer isto dizer que, enquanto dormíamos, ele escreveu, durante onze meses, à razão de uma página por dia, um romance para sobressaltar a nossa indiferença e lembrar, parafraseando Mark Twain, que a História não se repete, “mas rima”. Os Loucos da Rua Mazur talvez sejam os outros, mas também podemos ser nós, para lá do espelho. Sobretudo se, uma vez mais, não acordarmos a tempo.

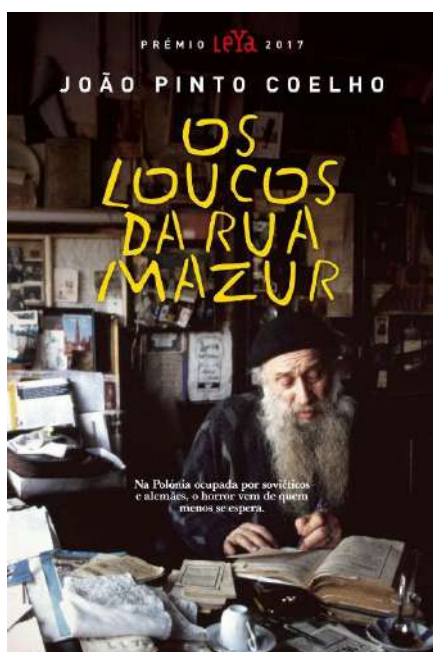
21.11.2017 | VISÃO

MIGUEL CARVALHO, LUCÍLIA MONTEIRO

Polónia contesta João Pinto Coelho e embaixador prepara “carta aberta”



Vencedor do Prémio Leya criticado pela diplomacia e Imprensa polaca. Em causa a entrevista do escritor à VISÃO sobre o novo livro, que parte da controversa perseguição aos judeus por cristãos polacos na II Guerra Mundial.



Temos caso. E está para durar. A Embaixada da Polónia em Portugal, numa primeira reação à **entrevista do escritor João Pinto Coelho à VISÃO, publicada na edição da passada semana**, critica as declarações do vencedor do Prémio Leya a propósito de acontecimentos ocorridos naquele País na II Guerra Mundial que servem de base ao romance Os Loucos da Rua Mazur, editado pela Dom Quixote. «Quando terminei Perguntem a Sarah Gross, os maus eram os alemães. Neste caso, falo das perseguições aos judeus praticada pelos seus vizinhos cristãos numa cidade que nunca identifico, mas onde cabe Jedwabne», explicou então o escritor, situando parte da pesquisa histórica para este livro numa localidade do nordeste da Polónia, onde, a 10 de julho de 1941, um grupo de cidadãos, na maioria cristãos, terá arrastado entre 600 a 1600 judeus para um celeiro, conforme as fontes, queimando-os vivos.

De acordo com o porta-voz da representação diplomática de Varsóvia no nosso País, as autoridades polacas e a própria embaixada não pretendem pronunciar-se sobre o conteúdo do romance, até porque o mesmo só hoje chega às livrarias: «Contestamos, no entanto, a generalização das atitudes negativas dos polacos cristãos para com os polacos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, guerra cujas vítimas foram os polacos, tanto judeus, como não-judeus», referiu à VISÃO Bogdan Jedrzejowski, acrescentando: «A Polónia foi o único país cujas autoridades nunca colaboraram com os nazis. Foi também o único país em que esconder ou ajudar os judeus foi punido com a pena de morte. Mesmo assim, os polacos constituem o maior grupo entre os Justos entre as Nações (mais do que 25%)», termo usado por Israel para honrar os gentios que arriscaram a vida para salvar os judeus durante o Holocausto.

Segundo aquele porta-voz, a reação à entrevista de João Pinto Coelho tem como objetivo «destacar a perda sofrida pelo bom nome da nação polaca, que foi uma das vítimas mais trágicas da Segunda Guerra Mundial, bem como aquela sofrida pelos leitores portugueses, afastados no tempo e no espaço do horror da Guerra vivido na Polónia, a quem se apresentam factos fora de contexto histórico», conclui Bogdan Jedrzejowski, referindo-se ao artigo publicado na passada semana.

De resto, e de acordo com a informação veiculada pelo mesmo porta-voz, o embaixador polaco, Jacek Junosza Kisielewski, por estes dias ausente numa viagem de trabalho, irá publicar, «logo que for possível», uma «carta aberta» sobre este assunto.

Contactados pela VISÃO, tanto a editora Dom Quixote (grupo Leya), como o autor, recusaram prestar declarações, reservando as mesmas para uma fase posterior. Recorde-se que o livro é apresentado em Lisboa, no próximo dia 29, pelo padre Tolentino de Mendonça, vice-reitor da Universidade Católica.

Reações na Imprensa

A polémica, porém, começou há dias na Imprensa polaca. Dando voz à contestação assumida pela embaixada – que remetia mais esclarecimentos para o Ministério dos Negócios Estrangeiros – várias publicações destacaram as declarações de João Pinto Coelho à VISÃO, acusando-o, em alguns casos, de «falsear» a História e «insultar» os polacos a partir das narrativas do seu novo livro, e criticando o jornalista – por sinal, o autor destas linhas – de secundar «a retórica» do escritor. Uma das passagens mais citadas da entrevista, reproduzida nos órgãos de informação polacos, diz respeito às comparações que o escritor faz entre o passado e a atualidade, numa altura em que dezenas de milhares de manifestantes de movimentos extremistas de direita saem à rua em defesa de uma «Polónia pura», beneficiando de simpatias evidentes a nível governamental. «Os sinais estão aí, de novo, mas a indiferença é mais forte do que a História», referiu então João Pinto Coelho, acrescentando: «Os objetos, os monumentos, o que resta da memória judaica está a ser atacado e vandalizado. Receio que isto acabe outra vez em tragédia. Se fosse judeu, neste momento não me sentia confortável na Polónia», assinalou à VISÃO o vencedor do Prémio Leya, que considera o Mal, na sua versão universal, a personagem principal dos seus romances, «sobretudo deste».

Numa nota do autor, incluída nas últimas páginas de Os Loucos da Rua Mazur, João Pinto Coelho recorda os acontecimentos ocorridos em 1941: «Aquilo que se passou em Jedwabne ocorreu noutros lugares das cercanias e, a coberto dos invasores alemães, pôs a nu um

antisemitismo virulento havia muito reprimido». O escritor, obsessivo com o rigor histórico, assinala que, «nos anos mais recentes, os acontecimentos desse verão têm motivado um aceso debate na Polónia». Centrada na preservação da memória coletiva do país, a discussão, no entender de João Pinto Coelho, «procura esclarecer o papel dos polacos nas atrocidades perpetradas contra os concidadãos judeus durante o período de ocupação pela Alemanha nazi». E adverte, por fim: «A história deste livro baseia-se nesses episódios e qualquer semelhança com pessoas e situações da vida real, sem ser coincidência, não prejudica o carácter ficcional da obra».

Escritor João Pinto Coelho responde às críticas da embaixada da Polónia



Lucilia Monteiro

A entrevista do vencedor do prémio Leya à VISÃO, a propósito do novo livro, continua a gerar debate. Hoje publicamos na íntegra a resposta do autor de *Os Loucos da Rua Mazur* ao embaixador da Polónia.

“O que nos deve perturbar acima de todas as outras evidências é o envolvimento criminoso de pelo menos quarenta cidadãos polacos e a passividade com que grande parte da cidade assistiu às atrocidades, tal como consta das conclusões da investigação do Instituto da Memória Nacional”. Esta é uma das passagens da resposta do escritor João Pinto Coelho à **“carta aberta” do embaixador da Polónia**. Na missiva, hoje enviada à VISÃO e que também publicamos na íntegra, o vencedor do Prémio Leya recusa discutir a sua obra de ficção nos termos em que a mesma foi tratada “em certa imprensa polaca”, mas reitera a sua preocupação “face aos sinais de intolerância” que a História sempre o aconselhou a vigiar. “Desprezá-los é irresponsabilidade cívica, não sentir incómodo é-o também”, justifica.

Esta reação surge na sequência da carta aberta do embaixador da Polónia em Portugal, na qual Jacek Junosza Kisielewski considerava **as declarações do escritor João Pinto Coelho à VISÃO**, a propósito da inspiração histórica do romance, “infundadas, fora do contexto

histórico”, e baseadas em “generalizações injustas”. Também contactado, o grupo editorial Leya, que através da Dom Quixote publicou o livro que será apresentado esta quinta-feira, 29, na Bucholz (Lisboa), pelo padre José Tolentino Mendonça, referiu: “O júri do Prémio Leya distinguiu, consensualmente, o livro «Os loucos da rua Mazur», de João Pinto Coelho, pela sua qualidade literária, qualidade essa que a LeYa claramente reconhece ao autor e à obra, cuja leitura recomenda”.

RESPOSTA DE JOÃO PINTO COELHO À “CARTA ABERTA”

Uma nota inicial: por não considerar pertinente substituir-me ao autor da peça, não me pronuncio aqui sobre os dados que resultam da sua investigação, nomeadamente a quantificação das vítimas do massacre de Jedwabne ou o número de cidades onde terão ocorrido atrocidades semelhantes. As minhas declarações – fielmente reproduzidas – decorrem das perguntas objetivas que me foram colocadas, não me cabendo também discorrer sobre o enquadramento, contextualização ou demais critérios jornalísticos seguidos na reportagem. Procuo também abster-me de falar sobre o último livro que escrevi, já que, tratando-se de uma obra de ficção, não aceito que seja escrutinado nos termos que encontrei em certa imprensa polaca.

A carta aberta que me foi endereçada pelo senhor Embaixador da República da Polónia regista a forma objetiva e equilibrada com que no meu livro anterior, “Perguntem a Sarah Gross”, me refiro ao mal causado à Polónia pelo ocupante alemão nos anos 1939-1945. Referi-o nesse livro, refiro-o agora com “Os Loucos da Rua Mazur» – não deixa de ser oportuno registar que o exemplo dado pelo senhor Embaixador relativamente às crianças judias escondidas nos mosteiros e orfanatos geridos pelas freiras polacas surge explícito nas páginas finais do meu romance mais recente. Na verdade, tenho-o feito ao longo dos últimos dois anos, ao visitar dezenas escolas de norte a sul do país, transmitindo aos alunos portugueses partes menos conhecidas do período em causa, onde tão justamente cabem o sofrimento e os atos de heroísmo da nação polaca, quer durante a ocupação pela Alemanha nazi, quer ao longo dos mais de vinte meses de presença soviética. Mas a verdade inteira dita-me mais do que isso, e, portanto, também falo de Jedwabne, de Kielce, e de outras coisas que não deviam ter acontecido. A este propósito, recorda – e bem – o senhor Embaixador os mais de 6000 polacos distinguidos como «Justos entre as Nações» pelo Yad Vashem. Sublinho, no entanto, que esse é o mesmo instituto que reconhece a existência de milhares de cidadãos polacos que colaboraram com os ocupantes alemães, chantageando e denunciando os seus vizinhos judeus. Ocorre-me então perguntar se referir aqueles, omitindo estes, não se enquadrará nas tais declarações “fora do contexto histórico”, e baseadas nas “generalizações injustas” de que sou acusado no início da missiva.

Quanto à tragédia de Jedwabne:

Salvo melhor opinião, o que está em causa tem de ir para lá dos incentivos ou da permissividade dos alemães; o que está em causa tem de ser muito mais do que a militância dos quatro instigadores locais; o que nos deve perturbar acima de todas as outras evidências é o envolvimento criminoso de pelo menos quarenta cidadãos polacos e a passividade com que grande parte da cidade assistiu às atrocidades, tal como consta das conclusões da investigação do Instituto da Memória Nacional – o mesmo a que se refere o senhor Embaixador. Acrescenta-se ainda na carta aberta que o caso da tragédia em Jedwabne, o mais bem investigado até agora, levanta muitas dúvidas quanto ao seu desenvolvimento e

responsabilidade, e que a regra do processo judicial no mundo civilizado é condenação apenas das pessoas, cuja culpa foi provada. Permito-me, ainda assim, recordar que aquilo que foi demonstrado até à data foi suficiente para que dois presidentes da República da Polónia, designadamente os senhores Aleksander Kwaśniewski e Bronisław Komorowski, com um intervalo de dez anos, se tenham deslocado a Jedwabne para, na presença de familiares das vítimas e diversas entidades, pedirem desculpa pela tragédia enquanto representantes máximos da nação polaca.

Clarifico ainda aquilo a que o senhor Embaixador se refere como um abuso. Não existiu nas minhas declarações qualquer intenção de estabelecer correspondências entre este passado trágico e a presente crise migratória, particularmente sobre o modo como a Polónia geriu e gere as suas fronteiras. A referência aos muitos países que no final dos anos 1930 fecharam as portas aos refugiados judeus visou precisamente recordar aqueles que hoje apontam o dedo acusador a esse passado obscuro, esquecendo a sua indiferença de então.

Quanto aos tempos atuais:

No último mês de agosto, numa carta endereçada a um dos fundadores do partido Lei e Justiça – atualmente no poder –, a União das Comunidades Judaicas da Polónia expressou a sua preocupação relativamente a acontecimentos recentes, referindo-se expressamente ao recrudescimento de manifestações de antissemitismo e à sensação de insegurança que delas resulta.

Também este ano, o Centro de Pesquisa sobre o Preconceito, da Universidade de Varsóvia, apresentou um relatório no qual se refere ao aumento significativo, desde 2014, de atitudes negativas na Polónia face aos judeus, expresso pela crescente aceitação e popularidade do discurso antissemita, sobretudo por parte da população mais jovem.

Não questiono o esforço das autoridades polacas no combate às manifestações xenófobas e racistas, ou aos crimes de ódio reportados, por exemplo, no último relatório da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa; muito menos desvalorizo as iniciativas que visam reconstituir os traços da cultura judaica no país ou o empenho por parte de uma larga percentagem da população na promoção de um debate e diálogo aberto acerca das relações seculares com os judeus – e que eu próprio testemunhei nas várias visitas que fiz desde 2009. Pelo rigor a que me obrigo, nunca me referi a um perigo iminente; falei, sim, em desconforto, reiterando agora a minha preocupação face aos sinais de intolerância que a História sempre me aconselhou a vigiar. Desprezá-los é irresponsabilidade cívica, não sentir incómodo é-o também. Olho o mundo em meu redor, assisto ao que se se passa na Europa, encontro esses indícios em muitos lugares – a Polónia não é, infelizmente, uma exceção.

Diz, finalmente, o senhor Embaixador que o artigo, ao falar do mal que nas situações extremas se pode revelar numa pessoa “igual a nós”, carece de fiabilidade e recorre às generalizações fáceis. A historiografia da Shoah e de outras tragédias mais recentes incide cada vez mais no retrato dos perpetradores. Ao mergulharmos nas suas histórias, encontramos pessoas assustadoramente parecidas com cada um de nós, homens e mulheres capazes de amar os seus filhos, a quem se fosse perguntado se seriam capazes de cometer atrocidades, negariam com a mesma convicção com que cada um de nós o afirma hoje.

No entanto, fizeram-no.

Olhar para o seu exemplo, atentar nas suas semelhanças connosco antes de revelarem as suas faces de monstro, perturba. Ainda assim, uma réstia de dúvida sobre o nosso próprio carácter pode ser o melhor legado que a História nos reserva.

João Pinto Coelho, autor de «Os Loucos da Rua Mazur», em 27 de novembro de 2017

NOTA DO JORNALISTA

Numa carta aberta dirigida ao escritor João Pinto Coelho, na qual me incluiu enquanto autor da entrevista que fiz ao vencedor do Prémio Leya, publicada na edição de 16 de novembro último, o senhor embaixador da Polónia faz referência às generalizações, a seu ver injustificadas, sobre o massacre de judeus por cristãos polacos no contexto da II Guerra Mundial, a pretexto do referido artigo. Tece também considerações quanto aos princípios pelos quais se deve orientar o jornalismo “fiável e de referência”. Por estes dias, li também, com espanto, em alguns órgãos de informação polacos, que, enquanto autor da entrevista, eu teria alinhado na “retórica” do escritor do romance “Os Loucos da Rua Mazur”, situação a que o senhor embaixador é certamente alheio, mas que importa aqui assinalar para melhor compreensão dos leitores.

Começo por referir que, ao contrário do que se possa pensar, não caí de paraquedas na temática. Nem sequer na Polónia, já agora. Visitei o País em duas ocasiões, ambas demoradas: uma, em 2012, e outra já este ano,

no verão, tendo, nas duas viagens, calcorreado dezenas de quilómetros e usado os transportes públicos. Nessas ocasiões, e sem incluir a quantidade considerável de leituras que venho fazendo sobre a temática, visitei Varsóvia, Cracóvia, Nowa Huta e, obviamente, Auschwitz e Birkenau. Não deixei de fora, das duas vezes, a fábrica de Oskar Schindler, o Galicia Jewish Museum, a praça Bohaterów, o Museu da Resistência Polaca, o magnífico Museu da História dos Judeus Polacos, entre muitos outros locais, cuja preservação e divulgação são também a marca do respeito da Polónia pela memória, identidade e cultura. O que sei, o que sabemos hoje sobre o heroísmo de milhares de polacos no contexto da II Guerra Mundial não está, nem estará nunca em causa. Sou ainda testemunha da vitalidade cultural e cívica de Kazimierz (bairro judeu de Cracóvia), onde todos os anos se realiza o festival de cultura judaica.

Isto para dizer que, a mim, não me apanham descalço a pisar os estilhaços de um tempo nem a emprenhar pelos ouvidos, quanto mais não seja por respeito aos leitores da VISÃO, independentemente das controvérsias que se tecem. Como qualquer jornalista que honre o seu ofício num mundo inflamado pelas redes sociais, pelo sensacionalismo e pelo imediatismo, tento fazer, o melhor que sei e posso, o “trabalho de casa”. E esta entrevista a João Pinto Coelho não fugiu à regra. Não me limitei a ler o novo romance nem a consultar elementos que me permitissem definir o perfil do escritor. Muito menos a generalizar a partir da Wikipédia ou de teorias mais ou menos fantasiosas. A temática do livro, a sua inspiração ficcional a partir de acontecimentos históricos, obrigou-me a aturada pesquisa sobre Jedwabne e as zonas sombrias desse e de outros acontecimentos. Aprendi no jornalismo, na vida e nos livros que a História nunca é a preto e branco. Li algures, e tenho-o repetido publicamente quando a oportunidade surge, que a memória é resultado da dialética entre a lembrança e o esquecimento. Se esquecemos tudo, não somos nada. Se recordamos tudo, não podemos continuar a viver. Mas o certo é que não podemos construir a concórdia a partir da ignorância e do silêncio sobre os factos.

Tornar o passado presente, não vacina contra a incultura, o fanatismo e a estupidez. Mas falar dele, resgatá-lo para a luz é a melhor pedagogia contra o regresso do ódio e da violência.

Foi com esse propósito que meti mãos ao trabalho.

Dito isto, e para que também não fiquem dúvidas aos leitores sobre as bases em que sustentei as passagens supostamente mais polémicas do meu artigo sobre João Pinto Coelho e o seu livro, deixo aqui uma lista, necessariamente curta, das fontes consultadas.

Com os melhores cumprimentos

Miguel Carvalho

The Legacy of Jedwabne (2005)

Documentário sobre o massacre, com testemunhos contrastados sobre os acontecimentos ocorridos em Jedwabne, a 10 de julho de 1941, com destaque para o depoimento de um antigo autarca da cidade, Krzysztof Godlewski, que reconhece a sua própria mudança de opinião sobre o massacre de judeus às mãos dos seus “vizinhos” e que contribuiu para iluminar parte do passado oculto da cidade. <https://www.youtube.com/watch?v=0zOdb9ythfE>

Vecinos – El exterminio de la comunidad judía de Jedwabne (Crítica)

Em 2001, o historiador Jan Tomasz Gross, nascido na Polónia e naturalizado norte-americano, filho de pai judeu e mãe cristã, escreveu este livro polémico (Neighbours no original) onde descreve ao pormenor o que terá ocorrido em Jedwabne, apontando para cerca de 1600 judeus mortos nos acontecimentos já referidos.

Jedwabne Memorial book (1980) – Yizkor Book Project

Com relatos, testemunhos e episódios da comunidade judaica de Jedwabne, ao longo de décadas. <https://www.yiddishbookcenter.org/collections/yizkor-books/yzk-nybc313798>

A Moral Reckoning: The Role of the Catholic Church in the Holocaust and Its Unfulfilled Duty of Repair (2003) – Vintage Books

Um livro de Daniel Goldhagen, autor do também polémico Os Carrascos Voluntários de Hitler. Nesta obra, refere os massacres de Jedwabne e a forma como os governos polacos e a Igreja Católica foram gerindo a divulgação do que ocorreu naquela cidade do nordeste da Polónia.

Entrevistas, artigos e declarações da jornalista polaca **Anna Bikont**, autora da investigação **The Crime and the Silence**, sobre Jedwabne, que situa o número de vítimas entre 600 a 900 pessoas. Eis um exemplo: https://elpais.com/cultura/2016/02/17/actualidad/1455736429_759806.html

Matanças de judeus por polacos

<https://www.haaretz.com/world-news/europe/.premium-1.770707>

https://elpais.com/diario/2002/11/04/internacional/1036364412_850215.html

<http://www.nytimes.com/2001/03/17/arts/soles-and-the-jews-how-deep-the-guilt.html>

Manifestações extremistas e xenófobas

<https://www.publico.pt/2017/11/12/mundo/noticia/dezenas-de-milhares-de-nacionalistas-marcham-em-varsovia-1792259>

https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/11/12/pray-for-an-islamic-holocaust-tens-of-thousands-from-europes-far-right-march-in-poland/?utm_term=.2d7f0bcb73d7

<http://www.bbc.com/news/world-europe-41958199>

Apaziguar o passado

O romance de João Pinto Coelho é uma exceção à regra da mediania literária dos vencedores do Prémio Leya.

Os Loucos da Rua Mazur

José Riço Direitinho - 28 de Maio de 2018, 8:09

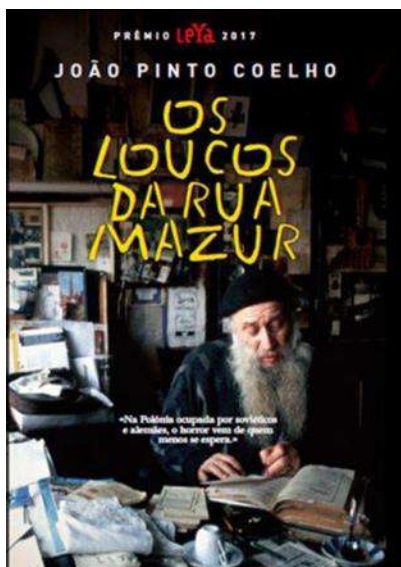


Foto - João Pinto Coelho mostra talento para a manipulação do imaginário clássico da ficção e uma invulgar riqueza vocabular RUI GAUDÊNCIO

[O romance *Os Loucos da Rua Mazur*, de João Pinto Coelho \(n. 1967\), foi o último vencedor do Prémio Leya](#) — já em 2014, [um outro romance seu, *Perquntem a Sarah Gross*](#), tinha sido finalista do mesmo prémio. A acção desenvolve-se em dois lugares e em dois tempos distintos — o Nordeste da Polónia entre 1935 e 1941, Paris entre 2001 e 2002 — num aparente jogo metaficcional com o leitor. Parte da história narrada, a que ocorreu há mais de meio século, vai sendo contada porque fará parte de um livro que Eryk (agora o escritor Paul Lestrage, cidadão belga) está a escrever recorrendo, em parte, à memória do cego Yankel (agora um livreiro com estabelecimento aberto em Paris), que “resumia a sua vida todos os dias, mas não incluía os anos da juventude nem a tragédia que o fizera fugir”.

Eryk e Yankel, amigos do tempo da infância e da adolescência, cresceram numa pequena cidade no Nordeste da Polónia, um lugar dividido entre cristãos e judeus, mas onde todos conviviam sem problemas de maior. Até ao dia em que, durante a guerra, sob ocupação alemã e soviética, a barbárie irrompeu com toda a sua força infernal; nada voltou a ser como era. A maldade humana, no seu requinte de horror, não precisou da guerra para ser exercida, apenas esperava uma faúlha para que a chama se acendesse e pudesse queimar tudo em redor.

Mais de meio século passado, e depois de não se terem visto durante todo esse tempo, Eryk (que está doente e não quer morrer sem escrever o livro que o redimirá) visita Yankel, que sempre viu muito para além da sua cegueira. A princípio este recusa, mas depois de algum tempo, e com a presença de Vivienne, mulher e editora de Eryk, acaba por colaborar na escrita daquele livro. Durante meses, na soturnidade da livraria parisiense, mergulham no passado, no dia-a-dia de uma pequena comunidade de cristãos e de judeus (com as suas quase amigáveis quezílias) e nas vidas atribuladas de três adolescentes (eles os dois e Shionka, a muda, filha da bruxa do lugar). Pelo meio vai-se criando um triângulo amoroso — um amor que parece ter ultrapassado os dias dos nefastos acontecimentos.



A personagem de Yankel, e apesar do reencontro conturbado com Eryk, acaba por buscar também no livro que está a ser escrito diante dele algum apaziguamento, não apenas em relação ao amigo mas também às suas memórias passadas, que ele evitava visitar havia mais de cinco décadas: “Contar tudo. É capaz de não ser tão destrutivo.” No seu modo de olhar a vida que transcende em muito as recordações, Yankel vai dando um tom sagaz ao que conta, tendo sempre uma qualquer espécie de máxima para pontuar o discurso, como esta: “Que interessa o que pensei? No fim, só conta aquilo que fazemos.”

No livro que Eryk escreve, o poder evocativo da narrativa transforma-se num ajuste de contas com a memória, não no sentido de a maquilhar, mas de a tentar entender e arrumar, apesar desse passado que fará sempre parte do presente. A escrita, como num doloroso exercício de catarse para as três

personagens, parece cumprir assim a sua função.

Os Loucos da Rua Mazur é uma exceção à mediania literária dos romances vencedores do prémio Leya — havia já outras duas: [O Olho de Hertzog](#), do moçambicano [João Paulo Borges Coelho](#), e [O Coro dos Defuntos](#), de [António Tavares](#). João Pinto Coelho mostra neste romance (já o tinha feito no seu livro anterior) o talento com que manipula o imaginário clássico da ficção, e impressiona pela qualidade e pela segurança da escrita. A isto, e destoando um pouco de alguma literatura portuguesa que se tem publicado nos últimos anos, há ainda a acrescentar a riqueza vocabular.

"Os Loucos da Rua Mazur". Livro apresentado com críticas de polacos

30 nov, 2017 - 01:13

A Renascença falou com João Pinto Coelho, autor do livro.

<https://rr.sapo.pt/2017/11/30/vida/os-loucos-da-rua-mazur-livro-apresentado-com-criticas-de-polacos/noticia/99652/?jwsourc=cl>

Envolvido em polémica, foi lançado o livro que venceu este ano o Prémio LeYa. "Os Loucos da Rua Mazur", de João Pinto Coelho, foi apresentado em Lisboa pelo padre e poeta José Tolentino Mendonça.

A história do livro parte de um episódio histórico em que centenas de judeus polacos foram mortos por cristãos, durante a segunda Guerra Mundial.

A embaixada da Polónia em Portugal reagiu ao livro criticando o que considera ser a "generalização das atitudes negativas dos polacos cristãos para com os polacos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, guerra cujas vítimas foram os polacos, tanto judeus, como não-judeus".

Com a polémica ao rubro, a Renascença quis ouvir o autor. João Pinto Coelho explica à jornalista Maria João Costa o livro que escreveu e que segue parte da história que iniciou no seu primeiro livro - "Perguntem a Sarah Gross".